

Os Discursos Midiáticos e suas Implicações Psicológicas na Formação das Crianças

Léa Carla Oliveira Belo.

Orientador: Prof. Drnd. João Ricard Pereira da Silva.

UPE-Faceteg

RESUMO: Com a ascensão e posterior consolidação do sistema capitalista a ordem discursiva das relações humanas se voltou para a instituição de poder vigente: o capital. Com isso, o crescimento midiático tornou-se mais evidente tendo em vista as exigências do mercado e diante deste contexto - cujo discurso favorece prioritariamente à ordem mercadológica em detrimento das reais necessidades humanas - e de uma sociedade imagética que perdeu seus valores para uma política compulsória de consumo, torna-se indispensável investigar os efeitos dessa realidade na formação das crianças justamente pela vulnerabilidade a que estão expostas. Através deste trabalho revisitamos o processo de formação das crianças na contemporaneidade, enfocando as conseqüências dos abusos produzidos diariamente pela mídia que assinala significativas implicações psicológicas no desenvolvimento infantil. Assim, o presente trabalho poderá contribuir para ampliar as possibilidades de novas pesquisas nas áreas da psicologia e das ciências sociais, principalmente no que diz respeito à influência da mídia na construção de identidades e na manutenção das diversas subjetividades.

Palavras-chave: discurso midiático, sistema capitalista, formação das crianças, desenvolvimento infantil.

A consolidação do sistema capitalista permitiu o rápido desenvolvimento tecnológico do século XX e este por sua vez contribuiu substancialmente para que a mídia e os meios de comunicação de massa ganhassem força, pois o princípio do sistema capitalista visa essencialmente o lucro, fazendo com que os investimentos na área da comunicação se tornassem indispensáveis tendo em vista que a velocidade das informações possui um valor inestimável para esta prática de mercado.

À medida que o homem moderno se apropriou das facilidades mercadológicas a que estava exposto, suas potencialidades foram ampliadas permitindo que o mesmo passasse a priorizar a ordem do conforto e da satisfação em detrimento das suas reais necessidades. Houve uma mudança nos padrões de vida dos sujeitos de modo que a homogeneização presente ainda que indiretamente na ideologia midiática enquadrou os sujeitos numa cultura de identidade massificada, cujos padrões vão de encontro à ética outrora presente nos modos de vida dos mesmos.

Além disso, encontramos uma transformação no processo de construção e manutenção das relações sociais, pois o mundo passou a mover-se em torno do próprio capital, cujas principais características podem ser observadas nas relações objetivadas e efêmeras, na supervalorização do prático e imediato, na não identificação da alteridade e nos valores sólidos e estruturantes trocados pelo prazer instantâneo que aparentemente denotam felicidade.

As contingências históricas, políticas e sociais que permearam a construção da imagem e da propaganda nos veículos de comunicação em massa, nos permitem avaliar a dinâmica correspondente ao mundo contemporâneo através da análise crítica do discurso midiático, pois “Na cultura pós-moderna, não é a tevê que é o espelho da sociedade, mas exatamente o contrário: é a sociedade que é o espelho da tevê” (FILHO, C. M., 1994, p. 35)

E num contexto social como o atual é preciso não somente analisar o que cotidianamente se passa nos meios de comunicação, mas inferir sobre como e quais são os efeitos desses na formação das crianças tendo em vista a vulnerabilidade a que estão expostas, pois no seu processo de desenvolvimento elas ainda não possuem um amadurecimento psicológico para exercer a crítica necessária avaliando os pontos positivos e negativos daquilo que veem/ouvem na televisão ou nos meios de comunicação como um todo.

Para ilustrar esta questão trazemos à tona a perspectiva de Bandura (1977) que nos traz a aprendizagem por modelagem no qual explica uma das principais formas de aprender: a aquisição do conhecimento através do desempenho observável que se constituiu como fator relevante para justificar o comportamento social, principalmente no que diz respeito às crianças já que cognitivamente possuem uma maior disposição para apreender comportamentos observando-os e conseqüentemente reproduzindo-os.

"O aprendizado seria excessivamente trabalhoso, para não mencionar perigoso, se as pessoas dependessem somente dos efeitos de suas próprias ações para informá-las sobre o que fazer. Por sorte, a maior parte do comportamento humano é aprendido pela observação através da modelagem. Pela observação dos outros, uma pessoa forma uma idéia de como novos comportamentos são executados e, em ocasiões posteriores, esta informação codificada serve como um guia para a ação" (BANDURA, 1977, p.22).

A partir da teoria cognitiva social de Bandura vemos a necessidade de reavaliar as condições e o meio em que as crianças estão, pois a era de imediatismo e

consumismo se alastrou e tem se generalizado a todas as classes sociais, gêneros e idades não possuindo restrições quanto às investidas da mídia no interesse de venda dos produtos, já que os lucros de mercado se sobrepõem inclusive às normas do código de defesa do consumidor e do ECA (Estatuto da Criança e ao adolescente). Neste sentido nem mesmo as crianças são poupadas do bombardeio diário estimulando o consumo.

Os horários e as faixas etárias, por exemplo, não dizem mais limites ao modo como os apelos publicitários são realizados. O fato é que são desmedidos e suas conseqüências não são levadas em consideração. A realidade é que, não por acaso existem até espaços no mercado exclusivo para as crianças, o que vem apenas corroborar a afirmativa de que a ordem é de consumo, as demais coisas pouco importam.

Assim, os comportamentos das crianças na pós modernidade mediados e estabelecidos pelo sistema de dominação vigente, a mídia, legitimam a teoria da modelagem de Bandura, pois não à toa, elas já foram escolhidas como um dos principais alvos do marketing publicitário para serem os mais novos consumidores, tendo em vista sua disposição em apreender imagens com mais facilidade, pelo baixo senso autocrítico e principalmente pela vulnerabilidade psíquica a que estão sujeitas dado o processo de desenvolvimento comumente não mediado pela união dos quatro pilares da educação.¹

Desta forma surgiu uma nova demanda na clínica psicológica infantil e o que se vê diariamente são crianças produzindo novos sintomas que expressam nitidamente o contexto sociocultural a que estão inseridas. E diante de uma sociedade imagética que fomenta a imagem corporal como único meio de ser bem sucedido socialmente é impossível dissociar os conteúdos, corpo e poder.

Ainda nesta contextura, há uma preocupação excessiva com o exterior, com o corpo, num discurso muito bem elaborado que expressa a questão do cuidado com a saúde. Contudo, implicitamente neste mesmo discurso há um jogo de poder que denota a necessidade da aquisição de produtos de beleza para que a sensualidade outrora enfatizada nos marketings se exprima de acordo com os padrões.

¹ Os quatro pilares da educação foram propostos por Jacques Delors no "Relatório para a Unesco da Comissão Internacional Sobre Educação para o Século XXI", e tinham como objetivo alicerçar o conhecimento e a formação continuada na educação. São eles: Aprender a conhecer, isto é, adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas e, finalmente aprender a ser, via essencial que integra as três precedentes.

Há de maneira implícita nos discursos midiáticos, um desejo de poder induzido na criação de mecanismos psíquicos primários e inconscientes com objetivos de controle que Foucault pontuou muito abertamente na seguinte afirmação:

“Mas que ninguém se deixe enganar; mesmo na ordem do discurso verdadeiro, mesmo na ordem do discurso publicado e livre de qualquer ritual, se exercem ainda formas de apropriação de segredo e de não- permutabilidade” (FOUCAULT, 2009, p.40)

Em meio a essa nova demanda emergem especificidades tais, que denunciam desordens agressivas e psicológicas em especial no contexto comportamental, onde os pais perderam sua função castradora no ambiente familiar em benefício dos desejos egocêntricos dos filhos que por sua vez são alimentados narcisicamente pelos discursos de poder que afirmam ser a fonte da felicidade a aquisição indispensável de materiais e produtos dos mais variados, ainda que estes sejam supérfluos.

É crescente o abuso de propagandas subversivas que utilizam-se de corpos semi nus onde imagens apelativas sexualmente contribuem para a manutenção de espelhos sociais infalíveis cujo padrão de beleza inacessível e utópico sustentam as idealizações a respeito do corpo perfeito. Na criança isto pode ter consequências nefastas já que a elaboração da identidade se dá nesta fase da vida, cujas simbolizações são fundantes para a compreensão e a apropriação do próprio corpo.

A homogeneização dos corpos fere a singularidade dos sujeitos, e o respeito às diferenças é colocado em debate. O corpo como é comunicado pela mídia interfere diretamente na simbolização da criança quanto a sua corporeidade e conseqüentemente a imagem corpórea construída pode ser alienada de si. Desta forma suas significações passam por um processo de adoecimento já que as simbolizações são elaboradas de maneira contrária ao que a estrutura egóica necessita. “A imagem idealizada encerra um convite à multiplicidade de valores, dadas as idiossincrasias físicas de cada um, que, além disso, possui desejos opostos” (SENNETT, 2008, p. 23).

Partindo desse pressuposto pela inadequação a que as crianças estão sujeitas temos também como parte dos sintomas infantis os transtornos afetivos de humor, a depressão; os transtornos de personalidade, o narcisismo e a despersonalização; transtorno de ansiedade generalizada; fobias; condutas antissociais; transtornos alimentares, anorexia e bulimia, dos quais estes últimos desenvolvem-se principalmente pela idealização do corpo na sociedade, já que:

“Imagens ideais do corpo humano levam à repressão mútua e à insensibilidade, em especial entre os que possuem corpos diferentes e fora do padrão. Em uma sociedade ou ordem política que enaltece genericamente “o corpo”, corre-se o risco de negar as necessidades dos corpos que não se adequam ao paradigma” (SENNETT, 2008, p.22).

Ao mesmo tempo em que, “A perfeição é impossível e, se estimulada, é falsa e em última análise, destrutiva, ao passo que o “não” suficientemente bom cria a privação, com todas as suas complexificações” (GROLNICK, 1994, p. 96)

Embora as reflexões já levantadas terem sido de suma importância, há ainda uma sobre a qual se faz imprescindível mencionar: o brincar. Num século tecnicista onde a disposição dos espaços ao exercício do brincar está cada vez mais esparsa, há uma prevalência quase que indistinta sobre o “brincar tecnológico”, onde as crianças fazem uso do tempo ocioso em brincadeiras com jogos eletrônicos nos computadores e/ou vídeo games, dos quais mais da metade deles utilizam-se de alternativas tecnológicas avançadas que impedem o desenvolvimento do brincar lúdico da criança enquanto criadora em potencial, condição esta que lhe é inerente, mas que tem sido violada pelo arranjo circunstancial imposto pela era tecnológica.

É inegável o crescimento dos produtos infantis que possibilitam um brincar, contudo o que precisa ser re-considerado neste momento é o espaço e conseqüentemente o tempo que tem sido dado ao lúdico, além é claro, de sua incontestável importância para processo de desenvolvimento saudável da criança.

Para isso se faz necessário revisitar alguns pontos da psicanálise winnicottiana que nos trazem considerações relevantes sobre o brincar.

“O “brincar” winnicottiano, um conceito operativo, é o brincar desenvolvimentista. Brincar durante a infância e através do ciclo da vida, ajuda a liberar as tensões da vida, preparando-nos para o que é sério e, às vezes, fatal, ajuda-nos a definir e a redefinir os limites entre nós e os outros, auxilia-nos na obtenção de um senso de nossa própria identidade pessoal e corporal” (GROLNICK, 1993, p. 44)

Assim, avaliando os jogos eletrônicos de cunho violento que dispõem de cenas de lutas e torturas como meios de distração e “brincar tecnológico” nos deparamos com um ponto crucial que golpeia o desenvolvimento infantil, já que conforme Sennett aponta: “falsas experiências de violência insensibilizam o público ante a verdadeira dor” (SENNETT, 2008, p. 15). Partindo desta premissa e da que “Grande consumo de dor ou de sexo simulado serve para anestesiá-la a consciência do corpo” (SENNETT, 2008, p. 15), não podemos sob nenhuma circunstância, ser coniventes com a ideia de um brincar

que implica em consequências danosas ao desenvolvimento cognitivo e/ou social da criança. Pois,

“(...) quando o brincar se torna muito impulsivo e excitante, ele perde sua capacidade criativa de promover o crescimento, e começa a se modificar em direção à perda de controle ou a uma rigidez fetichista” (GROLNICK, 1993, p. 44)

Portanto, levando em consideração a pessoa em sua condição enquanto infante se faz necessário resgatar e estimular brincadeiras que façam uso de jogos sociais, que utilizem o lúdico como fonte do brincar espontâneo, livre de ameaças ao seu desenvolvimento e que colaborem para o estabelecimento de relações saudáveis da criança com seu corpo e seu meio, pois apesar do ambiente e dos estímulos não determinarem o fim último da criança, contribuem substancialmente no seu processo de formação.

Destarte os modos como as crianças têm sido vitimadas na sua formação é fundamental ressaltar a importância da família no processo de informação e de formação da criança já que este é contínuo, contudo uma vez introjetados os valores midiáticos - principalmente os que foram expressos pelo uso da imagem - terão seus efeitos ainda que a curto, médio ou longo prazo e os resultados dificilmente deixarão de existir, pois os jogos eletrônicos ou ainda a

“A televisão não é/são como um livro, ou sequer como um jornal impresso, cuja leitura podemos interromper, refazer, submeter a reflexões demoradas. A dinâmica da imagem solicita respostas imediatas de quem a ela está submetido. As reações são reflexas, rápidas. Esse mecanismo é muito eficaz quando se trata de manter oculta a estrutura do texto ou a concepção que está na base da disposição segundo a qual as imagens são apresentadas” (SANTOS, 1995 apud ARBEX, 2000, p. 13)

Desta forma entendemos que a mediação da família no processo de construção da identidade da criança é irrefutável para o seu bom desenvolvimento, tendo em vista sua força de expressão que mesmo tendo sido subestimada na sua função pelo sistema capitalista, deve permanecer como a instituição social com maior responsabilidade neste processo. É fundamental encorajar e formar sujeitos críticos para aprender a refletir numa cultura de massa que despreza valores diferentes dos seus.

E ante aos processos de individuação da criança, a elaboração de uma estrutura de personalidade que suporte a realidade tal como se mostra, além das novas formas de subjetivação que tem sido tema de muitos trabalhos, é urgente o desvelamento de um saber que não pode ser reduzido a um saber teórico, que pouco ou nada influencie nos sistemas de dominação vigentes e no Estado como instituição maior na esfera política.

Pois a infância na pós-modernidade tem sido altamente adultizada, afetada pelos discursos midiáticos no que tange à circuntâncias muito maiores das que foram devidamente explicitadas neste artigo, portanto é necessário ir adiante, é fundamental que se façam valer as políticas públicas de proteção já existentes, para que as crianças não sejam abandonadas às garras do voraz sistema capitalista ou continuem vítimas passivas diante da mídia de massa.

Deste modo, partindo dessas proposições, urge na psicologia e nas ciências sociais, a necessidade de explorar caminhos diferentes para que nos espaços intermitentes das novas formas de subjetivações criadas e nas psicopatologias aqui referidas, se torne possível, ações conjuntas entre as ciências, a educação, a sociedade e o Estado através de trabalhos que reafirmem as políticas públicas já criadas e a nomeação de novas, a fim de proteger a criança do contínuo mecanismo de alienação das mídias.

Referências:

- BANDURA, A. (1977). Self-efficacy: toward a unifying theory of behavior change. *Psychological Review*.
- BJURSTRÖM, Erling. *A Criança e a Propaganda na TV. Um estudo crítico das pesquisas internacionais sobre os efeitos dos comerciais da TV em crianças*. Conselho Nacional Sueco de Políticas de consumo. Kalmar, 2000. ed. 2.
- BROUGÈRE, Gilles. *A criança e a cultura lúdica*. *Revista da faculdade de educação*. São Paulo, Dez. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-25551998000200007&script=sci_arttext&tlng=e!n> Acessado em: 31 mai. 2011.
- CAPOIA, A. M.; CANIATO, A. M. P. *Narcisismo e sociedade de consumo*. Disponível em: <http://www.estadosgerais.org/encontro/IV/PT/trabalhos/Alessandro_Marcio_Capoi_a_e_Angela_Maria_Pires_Caniato.pdf> Acessado em: 28 mai. 2011.
- FILHO, Ciro Marcondes. *Televisão*. São Paulo: Scipione, 1994.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem Do Discurso*. São Paulo. Loyola, 2008.
- FREITAS, M. F. R. L. de. DIAS, J. P. *Teoria Social Cognitiva: conceitos básicos. Ciência e Cognição*. Minas Gerais, Dez. 2010. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org>> Acessado em: 01 mai. 2011
- GADOTTI, Moacir. *São Paulo em perspectiva*. São Paulo, Jun. 2000. v.14, n.02. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000200002> Acessado em: 31 mai. 2011.

GODOI, M. R. Mídia magazine e narcisismo produtivo: investidas cultural e econômica sobre a masculinidade na contemporaneidade capitalista. Cuiabá, mar. 2006. Disponível em:

<http://www.eptic.com.br/arquivos/Publicacoes/dissertacoes/dissertacao_godoi.pdf>

Acessado em: 28 mai.2011.

GROLNICK, Simon. Winnicott: O trabalho e o brinquedo: Uma leitura introdutória. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

SANTI, P. R. L. de. Consumo e desejo na cultura do narcisismo. Comunicação, mídia, e consumo. São Paulo, Nov. 2005. v. 2. Disponível em:<<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/viewArticle/56> > Acessado em: 26 mai. 2011

SENNETT, Richard. Carne e pedra. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008 .

VOLPI, J. H. Poder, fama e ferida narcísica: Uma compreensão característico-energético do narcisismo. Disponível

WINNICOTT, D. W. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago editora, 1975.

em: < <http://www.netlinguae.com.br/adm/arquivos/narcisismo.pdf> > Acessado em: 23 mai. 2011.